

Paraná deu voto contra a esquerda

Martha Feldens

CURITIBA— A vitória de Fernando Collor de Mello no Paraná, com 40% dos votos válidos e a excelente colocação de Guilherme Afif Domingos — terceiro lugar no geral, mas segundo em Curitiba — não chegam a ser uma surpresa, num estado onde, em 1958, o líder integralista Plínio Salgado elegeu-se para a Câmara dos Deputados com a quarta maior votação sem sequer ter visitado o Paraná. O surpreendente, observando-se a história política paranaense, seria se grandes vitoriosos fossem de esquerda.

A historiadora Marion Dias de Magalhães, do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do Paraná (Ipardes), autora de um trabalho que analisa todas as eleições no estado desde 1945, acha que os números deste pleito, mais uma vez, são condizentes com as condições sócio-econômicas dos paranaenses. Candidatos de esquerda levam desvantagem no estado, segundo ela, por dois motivos: "A menor organização da classe trabalhadora urbana e a preponderância, no meio rural, das médias propriedades que tradicionalmente são de conservadores."

O argumento da organização dos trabalhadores urbanos, aliás, foi largamente usado pelas autoridades para atrair indústrias para o estado. O ex-secretário de Indústria e Comércio do governo Álvaro Dias, senador Gomes de Carvalho, aliciava empresários para investir no estado, dizendo que no Paraná os operários não fazem greve.

A história eleitoral paranaense mostra que as mudanças nos comandos políticos são lentas. Até 1965, nenhum político do Norte do Estado conseguia chegar ao governo. Naquele ano, Paulo Pimentel, um nortista, conseguiu eleger-se, mas ainda assim sob a liderança do cacique Ney Braga, da região de Curitiba. De lá para cá, Norte e região metropolitana continuam dominando, sem espaço para o Oeste e Sudoeste, exatamente as regiões onde as esquerdas conseguem maior penetração: Leonel Brizola, com o voto dos migrantes gaúchos, e Lula com o dos trabalhadores rurais.

Além das condições sócio-econômicas, Marion Magalhães aponta um dado conjuntural para o fraco desempenho da esquerda, sobretudo de Brizola, na capital, cujo Prefeito Jaime Lerner, é do PDT. "O Lerner é inexpressivo como líder de um candidato de esquerda. A população curitibana não o identifica com Brizola." Oriundo da classe média curitibana, Lerner ganhou os votos de quase 50% do eleitorado no ano passado, mas agora não conseguiu transferi-los para Brizola. É bem verdade que não se empenhou muito e, em outubro, quando saiu à rua pela primeira vez para distribuir adesivos, o prefeito chegou a passar constrangimentos. Um eleitor disse-lhe que ficava triste por saber que o prefeito em quem ele tinha votado estava fazendo campanha pelo candidato do PDT.

Os discursos de Collor e Afif foram tão ou mais importantes para seu bom desempenho no Paraná do que os apoios que eles tiveram no estado. Collor ainda contou com a ajuda de uma rede de televisão — as Organizações Martinez, do deputado José Carlos Martinez, presidente do PRN regional — e do presidente do Bamerindus, José Eduardo de Andrade Vieira, que contribuiu com dinheiro para a campanha. Afif recebeu o apoio de políticos sem grande expressão, como o deputado federal Max Rosenmann, dono das Joalherias Rosenmann, e do ex-ministro da Saúde Borges da Silveira, mas teve um impulso forte, inclusive com dinheiro, dos empresários ligados ao Instituto Liberal. Porém, a julgar pelo que dizem os eleitores de ambos, são poucos os que sabiam quem estava por trás dos dois candidatos no Paraná.